

BENTO XVI, UM SEMINARISTA E EU: conversação produtiva

Eliana Massih*

Resumo:

Massih num diálogo com um estudante de teologia busca compreender as eventuais dimensões psicológicas da renúncia de Bento XVI. Lança mão para esta relação dialogal uma triangulação com trechos da Bíblia.

Palavras-chave: Bento XVI: renúncia; O *self* dialógico

Abstract: Massih using a dialogical approach has in mind some psychological dimensions of Benedictus XVI resignation having as analysis key some biblical inputs.

Key Words: Benedictus XVI: resignation; The Dialogical Self.

Este comentário necessita de um breve prólogo para ser bem entendido pelo leitor. É escrito por uma psicóloga clínica e, como tal, não pretende adentrar o terreno dos teólogos que se apresentam nos demais artigos da revista. Sei que os demais autores convidados para escrever sobre os diversos assuntos são especialistas em Teologia e profundos conhecedores não só de suas respectivas disciplinas como também da conjuntura gerada pela renúncia de Bento XVI. Por essa razão, julguei mais prudente permanecer em minha própria seara de psicoterapeuta com experiência de atendimento docente e psicoterapêutico de seminaristas já próximos à ordenação sacerdotal.

Usarei um gênero literário talvez pouco conhecido à maioria dos leitores: diálogo entre uma psicóloga e professora de Psicologia da Religião e um interlocutor seminarista. O tema de nossa conversa é a renúncia de Papa Bento XVI e a conseqüente eleição de Papa Francisco. Ambos participam da conversa no modo de uma posição escondida do EU, conceito desenvolvido pelo psicólogo holandês Hermans¹ em sua Teoria do *Self* dialógico. Em pesquisa recente usei no acompanhamento psicoterapêutico as idéias deste autor como instrumento que ajuda na compreensão das muitas vozes, conscientes e inconscientes, que se ocultam na maneira como nos vemos e vemos os outros.²

São, portanto, dois os interlocutores reais que aparecem no relato que segue: eu e um seminarista-teólogo³ que me autorizou a publicar a conversa que tivemos na qual, a partir de temas mais pessoais, entrou não me recordo bem a qual pretexto, também a questão da renúncia do Papa Bento XVI. Julguei produtiva e sugestiva a conversação que tivemos e resolvemos mostrá-los a vocês que agora nos lêem. Espero que gostem e,

tal como nós, entendam que obtivemos conhecimento cientificamente válido.

O que sei de Alexandre, o seminarista, é que gosta de estudar a Bíblia. E mais, tem facilidade para a tecnologia da informação. Bem, essas duas características tomadas isoladamente não nos dizem quem é Alexandre já que a nova geração de vocacionados à Vida Religiosa não dá um passo sequer sem consultar o Google e seja na Sprinter ou nas Kombi da vida que usam para seu transporte em grupo onde estão sempre de olho no painel para consultar a telinha do GPS. Os de minha geração agiam de modo diferente: quando buscavam uma informação segura sobre o nome e localização de uma rua consultavam a Lista Telefônica e ali se informavam sobre o seu começo e fim, descobrindo onde se situava o número desejado. Se surgia alguma dúvida a solução era a de parar o carro pedir a um transeunte, que tivesse uma *cara* de conhecer melhor a região, um esclarecimento sobre o endereço. Bem, o mundo mudou e cabe à tecnologia nos servir.

Voltando ao assunto, Bento XVI, lanço ao seminarista a questão: como você acha que ele *foi* Jesus ao renunciar? Esse é meu jeito de tornar Jesus presente na conversa, tem jeito de psicóloga, concordo. Nesse caso, os fins justificaram os meios.

Estudantes de Teologia todos nós conhecemos. São formais quando se trata de assuntos de Teologia. Digo a ele que esqueça Hermenêutica Bíblica, Exegese e tudo o mais. Não é pecado e tampouco o tirará de sua vocação. Bem, não será isto que o tirará, se for o caso.

Insisto e acrescento: Você acha que Bento XVI inovou? Eu pensava no conceito de inovação do EU, importante na Teoria do *Self* Dialógico, a que estudei. Também estava presente em mim uma palestra do Libânio, em que de modo enfático dizia: renovar não é voltar para o velho, é *re*. Tem que inovar. Ouvi isto em 2009, a fala se tornou presente em mim diante de meu interlocutor, um futuro padre. Confesso ter notado certo espanto da parte do jovem seminarista. Aonde a Eliana quer chegar?

Nem mesmo eu sabia. Conversação é isto, é liberdade de ir expressando o que se sente, o que se relembra, uma lembrança puxa a outra e uma construção invisível vai surgindo. Lembro-me agora de outra expressão comum nos meios psi: papo desonesto. É aquele em que se sente no ar que a pessoa está falando de modo inautêntico ou ainda, tentando convencer-nos de algo, ou nos seduzir para algo. Não é fala direta, presencial, viva. Enfim, quero dizer que estava sendo honesta e não sabia onde queria chegar. O que queria mesmo era conversar e gerar algo novo, inovar, ampliar, gerar. Gerar-me, fazer gerar novas posições de EU do jovem com quem dialogava. E por que não: ampliar Bento XVI, o papa intelectual, o professor, o papa sério, aquele que, mesmo quando

sorria, sorria ameno.

Ops, sorrir ameno é algo novo. Como é sorrir ameno? Já vi muita gente de sorriso ameno, não o ameno de Bento XVI ou do Cardeal Ratsinger. Já vi milhares de outros sorrisos amenos, de homens, mulheres, jovens (de idade e de alma) e velhos (de idade e de alma). Em crianças acho que nunca vi: ou as vejo sorrir ou as vejo tristes, geralmente não são enigmáticas. Quando o são, devem ser vistas como especiais, diferentes da maioria. Já o seminarista deste relato tinha um riso muito peculiar. No começo me pareceu sério, depois imaginei que fosse desconfiado e então pude sentir a alegria contida em cada descoberta: compreender o pensamento de um filósofo, dissecar uma passagem bíblica, participar de uma conversa, concordar com uma afirmação. O prognóstico era de que seria um padre feliz.⁴

Bem, e minha pergunta? Bento XVI foi ou não foi Jesus? O jovem seminarista abre sua pasta e se põe a procurar algo. Fico no aguardo e observo. Folhas e folhas de papel sulfite, busca concentrada. Percebi que ele sabia o que procurava. *Expulsão dos vendilhões do templo* foi o que disse e informou as passagens bíblica:

Mateus 21, 12-13 Marcos 11, 15-17 Lucas 19, 45-46 Isaias 56 vers 7 Jeremias 7,11
--

Perguntei: E João, cadê João? Não falou disto? (Jo, 2, 13-22):

Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Encontrou no templo os negociantes de bois, ovelhas e pombas, e mesas dos trocadores de moedas. Fez ele um chicote de cordas, expulsou todos do templo, como também as ovelhas e os bois, espalhou pelo chão o dinheiro dos mercadores e derrubou as mesas. Disse aos que vendiam as pombas: Tirais isso daqui e não façais da casa de meu Pai uma casa de negociantes. Lembraram-se então os discípulos do que estava escrito: O zelo da tua casa me consome. Perguntaram-lhe os judeus: Que sinal nos apresentas tu, para procederes deste modo? Respondeu-lhes Jesus: Destruí vós este templo e eu o reerguerei em três dias. Os judeus replicaram: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu hás de levantá-lo em três dias?!. Mas ele falava do templo de seu corpo. Depois que ressurgiu dos mortos, os seus discípulos lembraram-se destas palavras e creram na escritura e na palavra de Jesus.

Responde o rapaz: Falou! E muito, é o mais original. *O zelo de tua casa me consome*. Era como se via Bento XVI, consumido pelo Mal que assolava a casa do Pai. Além da indignação, a dor, o pesar. Talvez o arrependimento por ter se mantido frio, lógico, racional, institucional.

O psiquismo de meu interlocutor se assemelhava ao de Bento XVI. *O zelo de tua casa me consome*. Cada atentado ao cuidado à sua congregação, à missão que lhes cabia o deixava indignado e seu riso franco e súbito calava.

Conhecer melhor seu mundo me levou à pergunta retórica: Bento XVI foi Cristo? Ao narrar descubro minhas razões ocultas na pergunta que queria apenas iniciar uma conversa. Sempre há uma intenção, uma motivação oculta, é preciso apenas aprofundar para desvendar. Sempre há uma emoção movendo o gesto lógico, racional, frio. É preciso ir fundo para inovar e assim ampliar. Minha hipótese é que Bento XVI tentou se manter frio e preservar, conservar, manter. Foi invadido pela força da indignação moral e ética. Quem quiser aprofundar, pesquise em Levinas. Eu mesma só queria inovar e ampliar o *self* de meu interlocutor. Será que foi só isso? Ou também fui mordida pela mosca da indignação. Queira Deus que sim!

Já que invadi seara alheia e adentrei citações bíblicas, vamos adiante no sucinto Lucas (19, 45-46):

Em seguida, entrou no templo e começou a expulsar os mercadores. Disse ele: Está escrito: A minha casa é casa de oração. Mas vós a fizestes um covil de ladrões.

Poucas palavras, sem descrição de ações ou comportamentos, direto ao ponto. Parece descrever Bento XVI que propõe recolher-se e orar. Um religioso que sabe que ninguém é insubstituível. Rei morto, rei posto. Pensamento estratégico: agora é com vocês. Líder que delega, sai de cena e se recria no negativo.

Em Marcos 11, 15-17:

Chegaram a Jerusalém e Jesus entrou no templo. E começou a expulsar os que no templo vendiam e compravam: derrubou a mesa dos trocadores de moedas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Não consentis que ninguém transportasse algum objeto pelo templo. E ensinava-lhes nestes termos: Não está porventura escrito: 'A minha casa será chamada casa de orações para todas as nações' (Is 56,7). Mas vós fizestes dela um 'covil de ladrões' (Jr 7,11).

Maktub. Marcos refere-se a Jeremias 7, 11: *É, por acaso, a vossos olhos, uma caverna de bandidos esta casa em que meu nome foi invocado?*

Também eu o vejo- oráculo do Senhor. E a Isaías 56,7: eu os conduzirei a meu monte santo e os cumularei de alegria na minha casa de oração; seus holocaustos e sacrifícios serão aceitos sobre meu altar, pois minha casa se chamará casa de oração para todos os povos.

Bento XVI sabia da verdade paradoxal. O Mal era inquilino inadimplente da casa de oração. Busca o refúgio do lado de fora e denuncia que se passa dentro. O demo, o tinoso, o moleque... metáfora viva da moral falida, do jogo perverso de interesses.

Afirma com seu gesto: não mais dou conta, o mal se instala à revelia, ao bem se exige uma série infinita de tarefas, atitudes, escolhas. O corpo da Igreja deve ser exorcizado, expressão forte e contundente, reveladora da fragilidade que pode acometer o Bem. Casa de orações *versus* covil de ladrões. Disputa a céu aberto. Imprensa escrita e falada, linguagem digital, redes sociais, presença física do povo emocionado e carente de justiça, acolhimento, nutrição moral. Rei morto, rei posto. Papa Francisco encena agora a restauração. Resta-nos a esperança de novos ventos.

Para finalizar a brevíssima conversa para tão complexo tema, o que fica em mim é uma dúvida ética: Devo cobrar esta consulta terapêutica? Eu aprendi mais do que meu cliente, isto é fato. Porém, e me defendo agora, os olhos dele brilharam e tiveram acesso a nova posição de EU, a do religioso indignado com as questões de seu tempo, a do jovem que precisa de adrenalina para realizar seu trabalho, a do homem que está construindo sua fé no cotidiano das funções pastorais e das reflexões em torno do Mal dentro e fora da Igreja. Abre-se nova pergunta: se e quando o Mal se dá, pode a Igreja ficar de fora, omitir-se?

Dissemos algum Sim, eu e o seminarista? A que? Antes que minhas palavras preenchessem estas linhas, a TV ligada me mostra a imagem do novo papa Francisco. Interrompo por alguns momentos esta narrativa e olho para o bispo de Roma, ou devo dizer Cardeal Bergoglio? Quantas posições de EU do mesmo homem comum que trocou a vida laica pelo sacerdócio...

O mesmo libera uma pomba branca, que parece querer permanecer com ele. Logo um dos seguranças o ajuda a libertá-la. A multidão o observa com devoção. Uma senhora é entrevistada pelo repórter e fala de milagre: foi curada de um câncer. Outra, bem mais politizada refere-se à crise econômica européia. A seguir um jovem e apaixonado casal fala de matrimônio, sagrado sacramento. E Francisco se mostrando ao mundo via tecnologia, do lado de fora do templo, indignação pós-moderna, estética, contra posição do EU indignado de Jesus no templo, metáfora estilizada do momento expresso em Matheus, 21, 12-13:

Jesus entrou no templo e expulsou todos aqueles que se entregavam

ao comércio. Derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos negociantes de pombas e disse-lhes: Está escrito: Minha casa é uma casa de oração (Is 56,7), mas vós fizestes dela um covil de ladrões (Jr 7,11)!

Pura e simples constatação que vira do avesso e surpreende o tinhoso, o demo, o moleque... Papa Francisco e Bento XVI, tudo a ver, como dizem os jovens. Para inovar Bento XVI *passou a bola* e aparece repaginado em Francisco. Isto tudo a Teoria do *Self* Dialógico explica e compreende. Somos um. Somos múltiplos. Somos Cristo a cada escolha, a cada gesto espontâneo que possa emancipar e ampliar o humano. E assim afastar o demo, o tinhoso, o moleque...

De tudo isto falava Bento XVI em linguagem metafórica, utilizando eufemismos e toda sua erudição acadêmica. Tenho agora diante de mim uma revista semanal⁵ que fala dos males que nos acometem, de como o novo papa lida com os mesmos e de como Bento XVI o fazia em janeiro de 2006:

Diz-se não e renuncia-se às tentações, ao pecado, ao diabo. Conhecemos bem essas coisas, mas, talvez porque as ouvimos demasiadas vezes, essas palavras Então devemos aprofundar um pouco o conteúdo desses 'nãos'. A que dizemos não? Só assim podemos compreender ao que desejamos dizer 'sim'.

Em fevereiro de 2013 Bento XVI saiu dos eufemismos e inovou o *self* de todos nós. Renunciou. Disse não à continuidade do que alimenta o demo, o tinhoso, o moleque... Indignou-se e o fez com todas as ferramentas que seu lugar institucional oferecia. Inovou e recriou-se, ampliou seu *self* dialógico e o de todos/as nós. A continuidade depende do trabalho de todos/as nós católicos que dizemos não à omissão. Que dizemos sim à transparência e às melhores intenções.

Um parágrafo especial e um tributo a Frei Carlos Josaphat OP. Foi com ele que aprendi que o único pecado da contemporaneidade é a omissão. Estive com os dominicanos num certo mês de janeiro para a tarefa de mostrar-lhes (aos dominicanos) algo do que a Psicologia pode fazer para/pela Teologia. Nessa ocasião, igualmente, mais aprendi que ensinei. Assim sendo, e voltando à minha questão ética de alguns parágrafos anteriores, cobro ou não cobro a consulta terapêutica da qual nasceu esta reflexão?

Concluo ser o melhor agendar uma conversa produtiva com o formador de Alexandre, um franciscano esperançoso. Assim me previno de chegar a um estado de fadiga decisional, palavras de Libânio na palestra citada no início. Afinal, uma psicoterapeuta deveria ajudar os clientes a

ampliar seu *self* e não confundi-los com suas dúvidas. E muito menos entrar em qualquer forma de fadiga. Devo ainda informar, em nome da ética profissional, que eu e Alexandre decidimos juntos escrever e publicar nossa conversação. A ele minha gratidão e os melhores desejos de realização humano-espiritual.

*Professora de Psicologia da Religião no ITESP.

Cf. H. J. M. HERMANS – H. J. G. KEMPEN, *The Dialogical Self. Meaning as Movement*. New York: Academic Press, 1993.

² Cf. E.. MASSIH, *A teoria do self dialógico na psicoterapia de religiosos católicos: uma visão desde a Psicologia Cultural da Religião*”. In *ESPAÇOS*, (2009), 17, 2009 p. 5- 32; E. MASSIH, *A teoria do self dialógico e a Psicologia Cultural da Religião na psicoterapia de religiosos*. In http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_massih.htm>

³ Trata-se de Alexandre Domiciano da Silva, franciscano menor conventual, atualmente estudante na Faculdade de Teologia da PUCSP.

⁴ Cf. E. VALLE, (Ed.), *Padre, você é feliz?* Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil. São Paulo: Loyola, 2004.

⁵ Cf. *VEJA*, (2013, 46, p. 114-115).